

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Yasmim Damasceno Filiage

**Mulher e Literatura: o aumento da visibilidade da
literatura de mulheres por meio do projeto Leia Mulheres**

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Mulher e Literatura: o aumento da visibilidade da
literatura de mulheres por meio do projeto Leia Mulheres**

Yasmim Damasceno Filiage

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Gestão de Projetos Culturais

Orientadora: Profa. Dra Neide Tomiko Takahashi

São Paulo
2019

Mulher e Literatura: o aumento da visibilidade da literatura de mulheres por meio do projeto Leia Mulheres¹

Yasmim Damasceno Filiage²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a ocupação feminina no mercado editorial na contemporaneidade e entender de que forma movimentos de organização social espontâneos e independentes, o Leia Mulheres, relacionam-se e fortalecem a narrativa feminista, contribuindo para o aumento da visibilidade da escrita feita por mulheres. Para tanto, foi feita uma revisão bibliográfica do assunto e uma entrevista com as idealizadoras do projeto literário Leia Mulheres.

Palavras-chave: Mercado editorial. Leia Mulheres. Clube do livro. Projeto cultural. Feminismo.

Abstract: This article aims to analyze the female occupation in the publishing market in contemporary times and to understand how spontaneous and independent social movements, such as Leia Mulheres, relate and strengthen the feminist narrative, contributing to the increase in the visibility of writing done by women. For that, a bibliographical review of the subject and an interview with the founders of the literary project Leia Mulheres were made.

Keywords: Publishing market. Leia Mulheres. Book club. Cultural Project. Feminism.

Resumen: El presente artículo tiene por objetivo analizar la ocupación femenina en el mercado editorial en la contemporaneidad y comprender de qué manera los movimientos de organización social espontáneos e independientes, el Leia Mulheres, se relacionan y fortalecen la narrativa feminista, contribuyendo para el aumento de la visibilidad de la escrita hecha por mujeres. Para ello, fue hecha una revisión bibliográfica del tema y una entrevista con las idealizadoras del proyecto literario Leia Mulheres.

Palabras clave: Mercado editorial. Leia Mulheres. Club del libro. Proyecto cultural. Feminismo.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais

² Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais

1. INTRODUÇÃO

Ao observar a conjuntura atual, nota-se uma constante movimentação de posicionamentos, opiniões, experiências, argumentos a respeito de temas sociais, políticos e econômicos que envolvem o dia a dia da cidade. Nesse contexto, a literatura surge como um espaço de representação não menos conflituoso: “isso porque todo espaço é um espaço de disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.07).

Mais que isso, a literatura atua como espaço legitimado e legitimador de fala: quem tem o controle do discurso tem também “autoridade, isto é, o reconhecimento de que o discurso tem valor e, portanto, deve ser ouvido” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.19).

Olhando de perto o campo literário e estabelecendo um paralelo com o espaço social, percebe-se, então, que um desses conflitos é a questão do espaço que a mulher tem nesse âmbito e sua representatividade, sendo estes menores do que aqueles dedicados aos homens.

Pensando nisso, em 2015, um grupo de mulheres de São Paulo decidiu replicar o desafio literário *#readwomen2014*, lançado pela escritora Joanna Walsh em 2014, no Brasil. O movimento Leia Mulheres se insere, assim, nesse contexto de conflito em uma tentativa de aumentar a visibilidade da literatura feita por mulheres.

Assim, o artigo tem como objetivo analisar a ocupação feminina no mercado editorial na contemporaneidade e entender como movimentos de organização social espontâneos e independentes, como o Leia Mulheres, relacionam-se e fortalecem o movimento feminista e seus desdobramentos. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica do assunto e entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE) de questões abertas com as idealizadoras do projeto.

2. CULTURA E LITERATURA

A visão sociológica da cultura propõe colocá-la como um espaço e uma atividade que enobrece a alma, eleva o espírito e lapida as faculdades humanas, principalmente através das artes. Tal visão, que tem raízes no iluminismo e encontra ramificação e defensores até os dias de hoje, fica particularmente evidente na nossa

sociedade quando notamos a diferença de categorização entre cultura popular e erudita ou ainda na própria caracterização do que é considerado arte dentro no nosso contexto social, quem pode fazer arte, quem pode consumir cada “tipo” de arte e em quais locais isso acontece.

A concepção clássica privilegia alguns trabalhos e valores em relação a outros; trata esses trabalhos e valores como a maneira pela qual os indivíduos podem se tornar cultos, isto é, enobrecidos na mente e no espírito. Esse privilégio outorgado a certos trabalhos estava ligado à autoafirmação e à autoimagem [...] e, mais genericamente, à confiante crença no progresso associado ao Iluminismo europeu. (THOMPSON, 2011, p.170)

Dessa visão tão difundida e acreditada, nasce a ideia de que arte é algo supérfluo, artigo de luxo que não consta no rol de necessidades básicas humanas e, portanto, destinado a poucos privilegiados.

Aqui estava a cultura, em nenhuma das acepções que eu conhecia, mas em uma acepção especial: como um sinal externo e enfaticamente visível de um tipo especial de pessoa, as pessoas cultivadas. [...] Pergunto-me que espécie de vida pode produzir essa minudência, essa decisão extraordinária de definir certas coisas como “cultura” e então isolá-las, como que construindo um muro em volta de um jardim, das pessoas comuns e do trabalho comum? (WILLIAMS, 1958, p.2-3)

Na literatura, assim como em outros ramos artísticos e culturais, essa distinção se traduz em um cânone majoritariamente masculino, branco e provindo de classes abastadas.

Virginia Woolf já salientava esse aspecto da realidade literária em *Um teto todo seu*:

Um gênio como o de Shakespeare não nasce entre pessoas trabalhadoras, sem instrução e humildes. Não nasceu na Inglaterra entre os saxões e os bretões. Não nasce nas classes operárias. Como então poderia ter nascido entre mulheres, cujo trabalho começava, de acordo com o professor Trevelyan, quase de largarem as bonecas, que eram forçadas a ele por seus pais e presas a ele por todo o poder da lei e dos costumes? Não obstante, alguma espécie de talento deve ter existido entre as mulheres, como deve ter existido entre as classes operárias. (WOOLF, 1985, p.64)

Antônio Candido coloca a literatura como bem essencial para o ser humano e assunto importante a ser considerado na questão dos Direitos Humanos. Segundo ele,

[...] a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem da sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CÂNDIDO, 2011, p.177)

Se não há equilíbrio social sem a literatura, também não há equilíbrio quando uma só voz é representada. Nesse sentido, torna-se necessário pensar o papel e o espaço da mulher na sociedade e na literatura como forma de construir uma sociedade mais igualitária.

2. A QUESTÃO DA MULHER

Cultural e historicamente, o espaço da mulher foi delineado em torno do contexto e das funções domésticas. As meninas provenientes de famílias ricas, quando recebiam alguma educação, eram direcionadas para costura, piano e outros entretenimentos das classes mais abastadas. A educação formal era de todo dispensável e o acesso ao ensino superior categoricamente proibido.

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas [no Brasil] data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever. (DUARTE, 2003, p.153)

Ao longo dos anos e com os avanços do movimento feminista, as mulheres passaram a ocupar novos espaços, conquistaram o direito à educação formal e a frequentar a universidade, inseriram-se no mercado de trabalho, conquistaram o voto, a independência financeira e a sexual. Porém, a desigualdade entre os

gêneros ainda é grande e a representatividade parca: mulheres ainda ganham salários menores do que homens que exercem a mesma função, poucas mulheres ocupam funções de chefia, poucas ocupam cargos públicos, a violência contra a mulher atinge níveis alarmantes, entre outros.

Quando falamos, então, de literatura e mercado editorial, o cenário não se difere. Enquanto o cânone literário está repleto de representantes masculinos, todos com seus devidos méritos, evidentemente, a representação feminina é limitada a casos de exceção.

[...] a ideia de excepcionalidade atualiza os vícios concernentes às assimetrias entre os sexos na medida em que traduz uma diferença mobilizada para legitimar a exclusão, reservando às mulheres ditas excepcionais desenvoltura e habilidade singulares, capazes de lhes assegurar uma posição social hierarquicamente superior, enquanto “transgressoras” de uma regra, em contraposição às demais, “ratificadoras” desta, por conseguinte, supostamente destituídas de talento, dons individuais e competência suficientes a ponto de lhes render o rótulo de extraordinárias. (FANINI, 2008, p.304)

Estabelece-se, assim, a ideia de que a literatura de autoria feminina é objeto de nicho, representada por exceções, separada do grande espaço legitimado no qual se insere a literatura masculina percebida como “universal” (FANINI, 2008, p.305).

Essa dinâmica se estabelece não apenas na literatura, mas em todo o espaço social. Bourdieu (2002) explica:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcênica impõem-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho [...]; é a estrutura do espaço [...]; é a estrutura do tempo [...]. (BOURDIEU, 2002, p.16)

O avanço ocorrido nos últimos anos não representa, no entanto, uma mudança significativa no âmbito literário. Um estudo minucioso realizado por Dalcastagnè (2012) mostra que 72,7% dos livros lançados pelas principais editoras brasileiras em 15 anos foram escritos por homens (ANEXO I). Ainda, entre os anos 2006 e 2011, em todos os principais prêmios literários brasileiros, foram premiados 29 homens e apenas uma mulher.

A discrepância aumenta quando consideramos outros aspectos sociais e raciais: 93,9% dos autores e autoras estudados eram brancos, 78,8% possui escolaridade superior e grande parte deles já trabalhava em espaços privilegiados de produção de discurso, como imprensa e meio acadêmico. Sendo assim, o perfil do escritor médio brasileiro é “homem, branco, aproximando-se ou já entrando na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 161)

Discute-se, então, a questão do lugar de fala. Se o escritor é aquele que fala no lugar do outro (BARTHES, 1999, p.33), é importante reconhecer quem fala e em nome de quem:

O que se coloca não é simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas, sim, que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.17-18)

O controle do discurso se justifica através de um processo de legitimação daquele que fala. Agentes representantes das vozes marginalizadas, seja na literatura, seja em outros espaços sociais, políticos e artísticos, normalmente ocupam um lugar de maior esclarecimento, competência ou eficiência social, ou são tidos como tal por atenderem determinados requisitos sociais. Portanto, “não se trata apenas da possibilidade de falar [...] mas da possibilidade de ‘falar com autoridade’”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.19).

Isto posto, é evidente, então, a crescente importância de abrir espaços de expressão para as classes até então excluídas do universo do fazer literário e evitar o perigo e as consequências de se contar uma história e construir uma realidade a partir de um único viés e uma só perspectiva.

O estudo de Dalcastagnè (2012) mostra que a narrativa também parece sofrer restrições: 62,1% dos personagens nos livros estudados são do sexo masculino, enquanto 37,8% são do sexo feminino e, quando consideramos a posição do personagem na narrativa, notamos que as personagens femininas são menos prováveis de ocupar um espaço de protagonistas e/ou narradoras da história. Ou

seja, além de ocuparem pouco espaço no romance, elas também têm menos acesso à voz e a posições de maior importância dentro desse contexto.

Ainda pensando na narrativa, as personagens femininas costumam se limitar a esfera domiciliar, representando suas relações amorosas ou presas “às ocupações que poderiam acolhê-las na primeira metade do século XX: donas de casa, artistas, estudantes, domésticas, professoras e prostitutas”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.172) A cidade, nesse contexto, se constitui como um espaço ocupado apenas por homens.

[...] É estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção tenham sido, até o advento de Jane Austen, não só retratadas pelo outro sexo, mas apenas de acordo com a sua relação com o outro sexo. E como é pequena essa parcela da vida de uma mulher. (WOOLF, 1985, p.109)

Assim sendo, faz-se necessário um olhar mais cuidadoso sobre as diversas formas e iniciativas para expansão, divulgação e ocupação da mulher na literatura e no mercado editorial.

3. O PROJETO LEIA MULHERES

O projeto Leia Mulheres começou a partir de um movimento iniciado pela escritora Joanna Walsh no twitter, a *#readwomen2014*, na intenção de aumentar a visibilidade da escrita de mulheres. Pensando em trazer o movimento para o mundo real, as três fundadoras, Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michele Henriques, pensaram em criar um clube de leitura com encontros presenciais mensais.

O que começou “como uma brincadeira”, segundo Juliana Gomes, tornou-se um movimento nacional de leitura presente em 105 cidades, alcançando inclusive Portugal, através de um movimento de expansão espontâneo e orgânico.

Cada cidade tem um núcleo próprio de mediadoras que possuem liberdade para escolher as obras lidas e discutidas pelo grupo. Juliana Leuenroth explica que as únicas regras são: as mediadoras devem ser mulheres, “porque quando você vai em evento literário, são basicamente homens mediando mesas, inclusive quando as mesas são sobre autoria feminina”; o local dos encontros deve ser um lugar aberto e de fácil acesso para os participantes; e que os livros escolhidos não estejam

esgotados e que estejam facilmente disponíveis para os participantes comprarem ou pegarem em bibliotecas.

Há uma grande preocupação para que as discussões sejam livres e horizontais, com espaço e oportunidade para todos darem suas opiniões e impressões do livro. A mediação não se caracteriza como uma palestra ou controle de fala, pelo contrário, ela serve apenas para começar a conversa e certificar de que o assunto não saia muito do livro. Segundo Michele Henriques: “é, basicamente, uma conversa de amigos, o mais espontâneo possível. Clube de leitura é troca de experiência”.

Essa abordagem condiz com o conceito apresentado por Yolanda Reyes (2014) no qual “os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem”. Tal processo de mediação, juntamente com um cuidadoso processo de curadoria, alavanca um outro aspecto do aprendizado e da relação com a literatura:

A escrita não é apenas um meio para aceder a novas informações; ela nos permite tomar consciência das propriedades implícitas da linguagem. E, na medida em que a linguagem em si ganha visibilidade, é possível oferecer condições para a criação de um novo tipo de pensamento e discurso que caracteriza a cultura letrada. (CARDOSO, 2014)

Sendo assim, o processo de formação de leitores também é intensificado pela mediação que se reflete nos hábitos de leitura dos participantes e no potencial efeito multiplicador que essa relação estabelece. O incentivo ao hábito de leitura e o desafio de ler um livro por mês a fim de participar dos encontros provoca um efeito positivo na evolução do processo de cristalização do hábito de leitura.

Quanto mais pessoas leem, mais pessoas vêm aos clubes, então as pessoas que leem vindo ao clube incentivam outras, porque querem acompanhar. E tem também a mediação infantil: se a mãe lê, as crianças também leem mais e assim recomeçamos o ciclo de formação de mediadoras e leitores. (GOMES, informação verbal)

Nesse sentido, o projeto também colabora para a desmistificação do livro como um objeto de luxo, destinado à elite intelectual e não acessível às camadas populares.

Porque a leitura é uma coisa muito singular e um ato muito solitário, então você poder ler ao mesmo tempo o livro com um grupo de pessoas e poder discutir enriquece muito a sua leitura. A ideia é justamente essa: ser o mais aberto possível, tirar essa aura de aula e que literatura é para poucos e mostrar que todo mundo pode ler, que todo mundo pode dar opinião. (LEUENROTH, informação verbal)

A quebra do estigma do clube do livro com aspectos formais e aparência de palestra atrai novos participantes que buscavam espaços para compartilhar impressões e experiências de leitura que antes não existiam. Ocorre, então, uma transformação da leitura de uma atividade solitária a uma vivência coletiva, ao acesso a um espaço de convívio social e amplas possibilidades de engajamento interpessoal.

[...] porque muita gente acha que clube de leitura é uma coisa de outro mundo e tal, acabam pensando que era uma coisa mais dura, engessada, e, não, cada um conta sua experiência de vida ali e é isso. O que eu tento fazer sempre é convidar as pessoas a participarem uma vez para elas verem como é, antes de ter qualquer preconceito, qualquer ideia do que é um clube de leitura. Vai e depois você fala o que você acha. Tem gente que veio a primeira vez e agora vem todo mês. (HENRIQUES, informação verbal)

Outro ponto a se destacar, é o esforço de diversificar a literatura analisada: em São Paulo, a escolha é feita por temas que abrangem diversos gêneros e nacionalidades numa tentativa de atingir a maior diversidade de temas e pontos de vista possível. Em 2019, por exemplo, foi lançado o Desafio Leia Mulheres com 12 categorias, uma por mês, que vai desde poesia e ficção científica até escritoras negras e asiáticas. (ANEXO II)

Valorizando o diálogo e a abertura de ideias, o Leia Mulheres traz à tona a questão da visibilidade feminina na literatura e propõe uma mudança de hábitos e uma maior aceitação e exploração da literatura de mulheres no mercado. Segundo Juliana Leuenroth, “ainda tem esse preconceito muito forte de que mulher escreve só para mulher ou de que o que a mulher escreve não é universal e tudo o mais”.

Apesar de não focar as leituras em teoria feminista, as fundadoras do projeto reconhecem a importância movimento tanto para provocar e incentivar a criação de projetos culturais quanto para alavancar uma mudança no mercado e nas editoras através de uma pressão de demanda.

[...] quando existe essa movimentação, você começa a exigir nas artes essa representatividade, na literatura, no cinema, então você vai atrás e começa a consumir mais dessas artes. [...] Se você é feminista e quer ouvir o que uma mulher tem a dizer, você acaba indo atrás do que ela produz. Isso acaba resultando numa pressão de demanda para o mercado editorial que começa a trazer mais mulheres. (HENRIQUES, informação verbal)

Na verdade, o movimento feminista faz parte da gente, a gente criou o projeto dentro do movimento, nós somos feministas. E eu acredito que não na classe trabalhadora, elas sempre estiveram em maioria. Talvez, hoje elas tenham mais luz para aparecer do que antes. Mas, potencialmente, são mais mulheres editadas. Isso que é o fundamental. Nós somos maioria, tanto do mercado quanto da população, sendo que é 70% de homens editados. (GOMES, informação verbal)

Apesar de mulheres ocuparem a maioria dos cargos no ramo, as posições de chefia e de prestígio continuam sendo ocupados por homens. Eles também são os mais publicados e lidos.

Mas é curioso que você tem essa equipe totalmente feminina e, antes, o número de publicações de mulheres era muito menor. Então, o fato de ter esse movimento - desde a hashtag da Joanna Walsh quando se começou a discutir essa questão, e depois a gente veio também com o clube, outras pessoas e outros movimentos que vieram no mesmo tempo e que foram crescendo - acho que aumentou o número de publicações de mulheres, o que é ótimo. [...] ainda existe muito machismo. Na crítica, principalmente. E aí, você vê esse tipo de discrepância. (LEUENROTH, informação verbal)

Nesse sentido, o Leia Mulheres abre e mantém um diálogo importante com as editoras, o mercado e o público:

A gente está dentro de um movimento social de leitura, verifica menos o nosso impacto nesse cenário. Tem editores parceiros que acabam comentando que tal livro saiu mais porque foi comentado em tal lugar. [...] E nós não falamos sobre livros que não lemos. Então, não há cobrança por esse livro que está no site, é um processo de curadoria. Então, talvez, tenha essa relação, uma relação de confiança. Como a gente não tem mais os grandes canais, os jornais, TVs, rádios não fazem mais diferença quando alguém vai comprar um livro. Talvez, tenhamos essa relação de ter um tipo de canal com o leitor. Se estiver lá, se a gente falar bem, talvez, a pessoa compre. (GOMES, informação verbal)

Além disso, o projeto também pensa na questão territorial da literatura e como o acesso e o incentivo ao livro é mais difícil no interior do país: longe das

metrópoles, com acesso limitado (ou atrasado) a lançamentos e eventos literários, que tendem a ocorrer no eixo Rio-São Paulo e em outros grandes centros urbanos - 90,3% dos autores publicados moram nas capitais e mais de 60% se concentram no Rio de Janeiro e em São Paulo (DALCASTAGNÈ, 2012, p.162); a inexistência ou precariedade de aparelhos públicos de cultura. Nesses locais a importância de iniciativas como o Leia Mulheres é ainda mais evidente.

[...] se a gente deixar para os órgãos públicos, não existe presença. [...] E ainda que seja um universo muito pequeno, a gente sabe de histórias de pessoas que para ter acesso a livros foi porque começaram a ir em sebos ou tinha algum familiar que tinha livros. [...] Aí, você vai para o interior e você vê que os clubes são ainda mais cheios que os das cidades grandes, porque aqui em São Paulo a gente tem uma oferta muito grande de coisas para fazer, mas lá o clube é um acontecimento, porque eles não têm nada. Tem cidade que não tem nem biblioteca. Então, é bem complicado. Acho que essas organizações, não só o Leia Mulheres, tem vários outros tipos de organizações, elas fazem um vácuo que o governo deixou, infelizmente. (LEUENROTH, informação verbal)

Para o futuro, as idealizadoras planejam expandir o projeto, alcançando mais cidades e dando um suporte melhor para as que já participam do projeto, além de promover encontro com autores, doar livros e criar uma linha de produtos relacionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando no espaço da mulher na sociedade e todas as relações de poder que nela se inserem, verifica-se o pouco protagonismo que a mulher tem nos ambientes de notoriedade como as artes, cargos de chefia e cargos públicos. Nota-se também que, apesar dos diversos avanços alcançados pelo movimento feminista ao longo dos anos, a situação da mulher pouco mudou: ainda predomina a ideia da existência de “papéis” distintos para homens e mulheres.

Na literatura e no mercado editorial, a situação não é diferente. As mulheres ocupam a maior parte dos postos de trabalho, mas são raras nos postos de chefia; são maioria na população, mas minoria nas representações literárias dentro da narrativa; são maioria nas universidades, mas, ainda, muito menos publicadas do que os homens e carregam a alcunha de escreverem livros “para mulheres” com

temáticas “muito femininas”. Coaduna-se com o estudo da pesquisadora Regina Dalcastagnè, que elucida de forma enfática que ainda há muito caminho a percorrer para uma justa representação das diversas minorias na literatura.

Com a emergência de uma nova onda de reivindicações feministas e o aumento da visibilidade do movimento nos últimos anos, surgem, então, projetos que visam aumentar a visibilidade da mulher no setor literário. Entre eles está o Leia Mulheres, que atua de forma importante na divulgação das diversas formas que a literatura de mulheres pode tomar.

O projeto se destaca pelo seu crescimento orgânico e espontâneo, refletindo o interesse despertado pela escrita de mulheres em todo o Brasil. A ênfase e importância dadas para a forma e a qualidade da mediação também caracterizam o projeto, que se mostra completo e consciente das falhas sociais e culturais que preenche e do alcance que pode ter, levantando questionamentos fundamentais para se pensar a área da cultura no Brasil: a falta de incentivos à leitura por parte do poder público, a ocupação de espaços públicos de leitura, a ocupação de espaços geográficos despriorizados pelas iniciativas e políticas culturais, a desconstrução da ideia de “elitização” do livro e dos clubes de leitura, o livre acesso ao livro, o livre espaço de fala, o trabalho de desconstrução do preconceito com a escrita de mulheres, a visibilidade de autoras pouco conhecidas, de gêneros e etnias diferentes do cânone literário.

O Leia Mulheres se insere, também, em um movimento importante para o negócio do livro, em uma época em que grandes livrarias estão fechando e outros modelos de negócio se mostram mais bem-sucedidos, apontando uma necessária mudança de paradigmas no mercado literário. A publicação de mais mulheres acompanha essa tendência e mostra que a mudança está em curso, ainda que um tanto tímida.

Com uma certa dose de otimismo, a mulher vai ganhando espaço e ocupando lugares antes dominados por homens. Projetos como o Leia Mulheres assumem uma tarefa relevante e necessária para a transformação desse cenário, formando leitores mais conscientes, mudando a forma como eles percebem a realidade em volta de si e mobilizando um contingente expressivo pronto a prestar atenção à produção das mulheres.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Ouro sobre azul. 2011. p.171-193.
- CARDOSO, Beatriz. Glossário Ceale. **Mediação literária na Educação Infantil**. 2014. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediacao-literaria-na-educacao-infantil>>. Acessado: 12 de fev. 2019
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Editora Horizonte, 2012.
- DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Teresinha. (Org) **Mulheres e literatura: transformando identidade**. Porto Alegre: Palloti, 1997. p.79-89.
- _____. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, Dec. 2003.
- FANINI, Michele Asmar. **Fazer da pena um ofício: a profissionalização literária feminina no Brasil da virada do século XIX para o XX**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 2, n. 3, p. 291 - 310, set./dez. 2008.
- LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero**. Tese de doutorado. Brasília. 2008.
- NUNES, Maria Eloisa Rodrigues. **Romance histórico contemporâneo: com a palavra, a mulher**. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2011.
- REYES, Yolanda. Glossário Ceale. **Mediadores de leitura**. 2014. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>> Acessado: 12 de fev. 2019
- SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Autoria feminina, memória e subjetividade: relações possíveis**. Antares: Letras e Humanidades, vol.6, nº11, jan-jun 2014.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1995. p. 182-189.
- SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel e NEIS, Ignácio Antonio (Orgs.). **As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 119-139.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. 1958. Trad. Maria Elisa Cevasco.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Nova Fronteira. 1985.

ANEXO I



Fonte: http://arquivo.pontoeletronico.me/2013/02/18/eu-queiro-escrever-um-livro-sobre-literatura-brasileira/?fbclid=IwAR1upknWS9YA41NfNFCqx_erx1IFK_wUUK6pxChnT-uwJnj8zXn17HC76KQ

ANEXO II

#DesafioLeiaMulheres
#leiamulheres2019

Janeiro - Um livro clássico
Fevereiro - Uma HQ
Março - Uma escritora contemporânea nacional
Abril - Uma escritora asiática
Maió - Uma ficção científica ou fantasia
Junho - Um livro de contos
Julho - Um livro de poesia
Agosto - Um livro de temática LGBTQ+
Setembro - Um livro de não-ficção
Outubro - Um livro de terror
Novembro - Uma escritora negra
Dezembro - Escolha livre

Leia **MULHERES**
www.leiamulheres.com.br

Fonte:

<https://www.facebook.com/leiamulheres/photos/a.369215999945826/987400034794083/?type=3&theater>

APÊNDICE – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

APÊNDICE 1 - Entrevista Juliana Gomes

24/11/2018 – Entrevista Presencial

Nome: Juliana Gomes

Idade: 42

Profissão: Supervisora comercial editorial

Escolaridade: Pós-graduação em marketing digital e redes sociais

Como surgiu a ideia do projeto?

Surgiu de percebermos que líamos mais homens que mulheres. A gente pensou em criar um clube presencial, não tinha rede social, site, nem nada, faz 4 anos em março. Começou como uma brincadeira e, hoje, tem em 105 cidades.

Quais as principais dificuldades de execução e implementação que encontraram?

Veio desde o início, porque a gente nunca tinha feito nada desse porte, então desde saber qual é o lugar que tem mais a ver com você, quais são os propósitos, porque a gente nunca teve uma metodologia de negócio, então, você mudar isso para um negócio social, é um pouquinho diferente.

Qual é a principal forma de financiamento do projeto?

A gente nunca ganhou nenhum tipo de incentivo. Hoje, a gente funciona com doação de editoras de livros para a biblioteca. Ano que vem isso vai mudar, vamos transformar numa ONG, uma empresa. A gente tinha receio de perder nossa identidade transformando em empresa, mas chegou um momento em que isso se tornou necessário. Hoje, a gente consegue se manter através dos nossos próprios recursos e parceria com os lugares que a gente faz os eventos, seja café, livraria ou editora. Uma troca, a gente está num momento de escambo.

Como aconteceu o processo de expansão do projeto para outras cidades?

Foi algo natural, as primeiras cidades foram através de amigas que moravam na cidade, e as outras foram no boca a boca e pelas redes sociais, foi algo natural. Um fluxo orgânico.

Como é feita a escolha das obras? Existe uma preferência entre gêneros? Clássicos ou contemporâneos? Existe um esforço para diversificar a literatura analisada?

A gente aqui em São Paulo tem tema, cada cidade faz de maneira diferente e cada cidade tem uma peculiaridade, como valor do livro, de onde vem. A gente deixa livre para que as mediadoras decidam a forma de escolha do livro.

Como acontecem os encontros?

São rodas de conversa e que todo mundo tem voz. A mediação é só um controle de tema, mas não é o domínio da conversa, não é uma palestra.

Existe um banco de dados sobre os participantes?

Dos participantes, não. Todo final de ano, eu monto uma relação dos livros, tanto do app quanto do site, dos livros adotados, cidades, frequência, mas não dos participantes.

Quantas pessoas frequentam em média cada reunião?

De 10 a 30. Os clubes maiores tem de 50 a 100. Depende do livro.

Qual o discurso / a abordagem realizada para convidar mulheres (ou homens) a participarem do clube?

Pessoas que leiam ou que queiram ler mais.

Qual o viés deste discurso / dessa abordagem?

O viés do livro que a gente vai discutir, e, talvez, o nosso próprio viés. O meu, pelo menos, é feminista.

A intenção de vocês é um projeto voltado para a comunidade leitora ou como programa de formação de leitores?

Os dois. Quanto mais pessoas leem, mais pessoas vêm aos clubes, então as pessoas que leem vindo ao clube incentivam outras, porque querem acompanhar. E tem também a mediação infantil: se a mãe lê, as crianças também leem mais e assim recomeçamos o ciclo de formação de mediadoras e leitores.

Como vocês enxergam o papel da mulher no mercado editorial hoje? Qual a visão de vocês para o futuro desse cenário?

Eu trabalho nisso há 25 anos, mulheres existem muitas, nós somos a maioria no mercado de trabalho, mas menos em cargos de liderança. O futuro, o que eu acho que vai acontecer é ter essa ramificação: megastores e grandes empresas não se manterão. Os menores ficarão para ter uma melhor administração. A gente vai estar no meio do olho do furacão e talvez chegue a hora das mulheres a frente.

Como você acha que os movimentos sociais impactam a comunidade leitora e o mercado editorial? Você percebe uma relação?

A gente está dentro de um movimento social de leitura, verifica menos o nosso impacto nesse cenário. Tem editores parceiros que acabam comentando que tal livro saiu mais porque foi comentado em tal lugar. O nosso envolvimento é de receber mais mensagens, mais autoras tem conversado sobre fazer livros, seja de maneira independente seja pela editora, recebemos muitos e-mails todos os dias. E nós não falamos sobre livros que não lemos. Então, não há cobrança por esse livro que está no site, é um processo de curadoria. Então, talvez, tenha essa relação, uma relação de confiança. Como a gente não tem mais os grandes canais, os jornais, TVs, rádios não fazem mais diferença quando alguém vai comprar um livro. Talvez, tenhamos essa relação de ter um tipo de canal com o leitor. Se estiver lá, se a gente falar bem, talvez, a pessoa compre.

Vocês consideram o movimento feminista como potencializador do projeto ou da participação da mulher no mercado editorial?

Na verdade, o movimento feminista faz parte da gente, a gente criou o projeto dentro do movimento, nós somos feministas. E eu acredito que não na classe trabalhadora, elas sempre estiveram em maioria. Talvez, hoje elas tenham mais luz para aparecer do que antes. Mas, potencialmente, são mais mulheres editadas. Isso que é o fundamental. Nós somos maioria, tanto do mercado quanto da população, sendo que é 70% de homens editados. A diferença é que as mulheres estão sendo mais editadas e mais lidas.

Quais os próximos passos para estimular a leitura de mais autoras mulheres (ou simplesmente, estimular a leitura)?

Acho que quando você lê uma autora, você também tem um autor que vai sair como uma indicação disso. Dentro do Leia Mulheres, a gente não tem um plano de expansão, porque a gente não vê como uma empresa e, sim, como um negócio social e aí tem outros vieses. Pensamos em produtos e outros planos para que possamos avançar nos próximos anos.

Como você enxerga a participação do setor público nesse aspecto? E da sociedade? Quais medidas poderiam ser tomadas nos diferentes espaços sociais?

É complexo, porque o se eles não compram nem o livro infantil para a rede municipal de escolas. Acho que é uma questão de cidadania, a gente tem que ser mais cidadã também, como, por exemplo, aqui, ocorre o clube sem pagamento. É tudo uma troca como doar livros para a biblioteca. É um negócio social. A gente tem que aprender que a questão monetária não é só o dinheiro envolvido, existem outras trocas sociais envolvidas no processo.

Como você acha que a questão do “lugar de fala” se relaciona com o contexto atual do mercado e com o projeto?

No mercado editorial, se você vê as reuniões dos grandes chefes, você tem um grupo de homens com mais de 50 anos, continua sendo assim. Talvez, por isso o mercado esteja como está.

Pensando nas narrativas, como você caracteriza a escrita feminina?

Eu não acredito em escrita feminina, acredito em literatura escrita por mulheres sem o viés de “mulher escreve de um jeito feminino”. Mulher pode escrever sobre o que ela quiser, então, eu parto desse princípio.

Quais os próximos planos para o projeto?

A gente vai ter produtos ano que vem, uma designer fazendo um planejamento tipo coleção, e outras coisas que a gente tem como embrionárias. Mas, ainda temos trabalhos além do projeto, então o projeto ainda é uma diversão. Nós não vemos como um lugar de obter lucro, talvez, por isso tenha dado certo. A gente vê como um lugar de troca.

APÊNDICE 2 - Entrevista Juliana Leuenroth

17/11/2018 – Entrevista Presencial

Nome: Juliana de Souza Leuenroth

Idade: 34

Profissão: Jornalista

Escolaridade: Graduação em Jornalismo e Letras

Como surgiu a ideia do projeto?

Eu uso bastante o twitter e, em 2014, surgiu a *#readwomen2014*, feita pela Joanna Walsh e a gente começou a acompanhar o movimento. Ela tem um twitter, inclusive sobre isso. Eu e a Juliana Gomes já se conhecia, porque a gente trabalhou numa livraria juntas, e a gente sempre falava sobre essa coisa de trabalhar juntas e tal. A Juliana continuou trabalhando em editora e eu fui trabalhar numa assessoria de imprensa e eu conheci a Michele também por isso, ela tinha um blog de literatura, ela tinha um canal e eu também, e a gente sempre se falava muito. A Michele já tinha um grupo de leitura feminista num fórum na internet, chamava As Bastardas. Então, quando acabou 2014, a Juliana deu a ideia de fazermos algo presencial. Na época, ela estava trabalhando na Blooks e aí veio a ideia de criar um clube para ler mulheres. E foi isso. A gente só juntou forças de pessoas que já se conheciam. Era para ser um clube pequenininho mesmo nessa livraria e, de repente, a coisa começou a crescer.

Quais as principais dificuldades de execução e implementação que encontraram?

Quando a gente começou, foi bem fácil, porque a Juliana tinha esse contato com a livraria, mas a gente fazia os encontros de quarta-feira à noite, o que dificultava o acesso das pessoas. A gente queria fazer de final de semana. Então, a primeira dificuldade foi encontrar um espaço que pudesse fazer de final de semana. A gente mandou email para alguns centros culturais e não obtivemos resposta. Eu não sei se os órgãos públicos tem abertura para pessoas proporem projetos. Normalmente, os projetos vêm de dentro e eles procuram as pessoas, enfim. Depois de dois anos de projeto, a gente estava na Tapera, que é um centro cultural particular, onde a gente fazia nossos encontros de sábado. Então, a administração do CCSP, que tem essa intenção de trazer as pessoas para a biblioteca, e eles acharam que nosso projeto seria interessante para o espaço. O convite partiu deles. Eles cedem o espaço e a gente faz o clube aqui. Mas não tem nada financeiro. A gente não precisou tirar nada do nosso bolso, mas também a gente nunca ganhou nada com isso.

Qual é a principal forma de financiamento do projeto?

A gente está pensando em melhorar isso ano que vem, porque a gente está em muitas cidades e a gente quer fazer mais coisas, mas a gente ainda não conseguiu viabilizar muita coisa por falta de verba mesmo. O que a gente tem é aquele link amigável da Amazon que as pessoas compram por ele e uma porcentagem vai para o projeto. Isso ajuda em manutenção de site, às vezes, um envio de correio, ou algo assim, mas no começo saía tudo do nosso bolso. Para o ano que vem, ainda estamos estudando o que fazer, produtos, crowdfunding, estamos em fase de estudo, porque a ideia não é só manter o site e fazer as coisas aqui de São Paulo, mas também ajudar as meninas das outras cidades, ajudar no transporte de uma autora, por exemplo, coisas básicas que a gente poderia fazer muito mais.

Como aconteceu o processo de expansão do projeto para outras cidades?

Foi muito orgânico. Algumas poucas cidades, a gente fez o convite. Quando a gente fez o primeiro clube e viu que foi muito legal e a Blooks tinha uma unidade no Rio de Janeiro, então convidamos umas amigas do Rio para elas fazerem o clube lá. Então, a gente criou um grupo no facebook e começou a colocar as agendas e, de repente, as pessoas começaram a mandar e-mails falando do interesse de ter o clube em suas cidades. Então, a gente começou a cadastrar essas pessoas que queriam. A gente não tem regras tão fixas, apenas algumas regras básicas: as mediadoras têm que ser mulheres, porque quando você vai em evento literário, são basicamente homens mediando mesas, inclusive quando as mesas são sobre autoria feminina; tem que ser um clube aberto, num lugar de fácil acesso; e a escolha dos livros, de preferência que não sejam livros esgotados que tenham fácil acesso e tudo o mais. Essas são as regras básicas. E aí, a gente ajuda as cidades com divulgação, fazer a agenda e tal. E uma coisa foi puxando a outra. Quando veem que as cidades estão aumentando, as pessoas perguntam como fazer para participar. Hoje em dia, a gente já está com quase 100 cidades.

As cidades são independentes na questão da escolha dos livros e na forma de conduzir o clube e acaba sendo inviável ler as mesmas obras. Porque tem algumas cidades que são muito no interior, e para as pessoas conseguirem o livro demora. Então, tem cidade que em janeiro, elas já soltam a agenda do ano inteiro. A gente até recomenda não fazer isso, porque às vezes surge uma coisa no meio do ano que é interessante, que tenha a ver com o momento, e as pessoas queiram discutir. Mas nessas cidades, às vezes, nem dá, porque tem que considerar o tempo de as pessoas conseguirem o livro e o tempo de ler. Então, a gente dá essa liberdade de cada cidade escolher a própria agenda. A gente só pede para seguir essas regrinhas que eu comentei mesmo, mas não é nada muito fechado.

Como é feita a escolha das obras? Existe uma preferência entre gêneros? Clássicos ou contemporâneos? Existe um esforço para diversificar a literatura analisada?

Eu vou falar por São Paulo, mas a gente sugere que as cidades sigam também isso. Aqui, a gente não faz votação. Nós três, a Juliana, a Michele e eu, escolhemos os livros com uns dois ou três meses de antecedência. A gente tenta não fazer uma agenda tão longa justamente por isso: aqui em São Paulo, a gente tem mais acesso, então às vezes sai um lançamento que a gente considera importante, a gente consegue colocar na nossa agenda. Mas a gente tenta diversificar o máximo possível tanto etnia, país de origem da escritora, ou o próprio estilo do livro. Por exemplo, mês passado, a gente leu não-ficção. Fazia muito tempo que a gente não lia não-ficção. Nesse mês, a gente vai ler uma franco-ruandesa. Ano que vem, a gente começa com um clássico. Então, a gente está sempre tentando variar.

Como acontecem os encontros?

Os encontros são mensais. Aqui em São Paulo acontecem no Centro Cultural São Paulo. A gente tenta que isso também seja uma regra geral: é uma conversa horizontal. As mediadoras servem muito mais para organizar o encontro e para começar a conversa. Às vezes, a conversa vai dando uma esfriada, as pessoas ficam um pouco tímidas, então você vai tentando puxar coisas do livro. Mas não é uma aula. A gente não tem essa pretensão de que seja uma palestra ou coisa do gênero. É para que todo mundo converse. Todo mundo tem a mesma voz. Inclusive, homens. As mediadoras tem que ser mulheres, mas o clube é aberto, então todo mundo tem o mesmo poder de voz. As mediadoras são mais facilitadoras da conversa do que qualquer outra coisa.

Existe um banco de dados sobre os participantes?

Não. Algumas cidades fazem porque algumas faculdades aceitam atividades e palestras como créditos, mas aí você tem que ter um convênio com a faculdade e uma série de coisas, então tem uma certa dificuldade. Aqui, não. Aqui é livre.

Quantas pessoas frequentam em média cada reunião?

Depende muito da escolha do livro, da época do ano - por exemplo, esses dois últimos meses, por conta das eleições, ficaram muito esvaziados, veio em torno de 20 pessoas –

mas acho que é uma média de 30 a 50 pessoas. Já teve clube que teve muito mais. Tem clube que, às vezes, o livro é muito longo ou é um livro pesado, aí você vê que vem menos gente. Ou quando a gente leu Rupi Kaur, que foi no auge dela, quando ela tinha acabado de sair, veio muita gente, foi uma roda gigante de conversa. Fica até difícil de mediar, porque todo mundo quer falar ao mesmo tempo. Então, tem umas diferenças.

Qual o discurso / a abordagem realizada para convidar mulheres (ou homens) a participarem do clube?

É a ideia de todo mundo poder falar, de poder compartilhar aquilo que a gente viu no livro. Porque a leitura é uma coisa muito singular e um ato muito solitário, então você poder ler ao mesmo tempo o livro com um grupo de pessoas e poder discutir enriquece muito a sua leitura. A ideia é justamente essa: ser o mais aberto possível, tirar essa aura de aula e que literatura é para poucos e mostrar que todo mundo pode ler, que todo mundo pode dar opinião. Porque tem umas pessoas que vem no primeiro encontro e ficam com medo de falar ou falam que não sabem porque não estuda literatura. Mas literatura não é só para quem estuda. Então, o discurso é esse: tentar trazer o maior número de pessoas possível e que elas tenham voz para falar daquilo que elas querem.

Qual o viés deste discurso / dessa abordagem?

Pode parecer um pouco egocêntrico da nossa parte, mas algumas editoras começaram a prestar mais atenção. A gente percebe que teve um movimento a partir do Leia Mulheres. Óbvio que não foi só ele, mas o Leia Mulheres estava no momento certo. É tentar valorizar a produção das mulheres, que elas tenham mais voz, que possam publicar mais, que sejam uma prioridade também dentro das editoras.

E nos encontros, a gente, em São Paulo, não lê muito os “cânones”, entre muitas aspas. Por exemplo, a gente nunca leu Virginia Woolf. Aí, a gente ressalta que, na época da Virginia Woolf, tem várias autoras incríveis. Vamos ler essas outras autoras. A gente tem essa preocupação de mostrar o diferente, mostrar a amplitude de gêneros e de linguagens que as mulheres fazem, porque ainda tem esse preconceito muito forte de que mulher escreve só para mulher ou de que o que a mulher escreve não é universal e tudo o mais. Acho que por isso a nossa estratégia de marketing é meio difusa, porque a gente quer abraçar o mundo.

A intenção de vocês é um projeto voltado para a comunidade leitora ou como programa de formação de leitores?

Do jeito que a gente está hoje, é mais para quem já lê. Mas acho que a gente não pode negar que a gente ajuda um pouco na formação de leitores, sim. Porque eu sou leitora e faço letras, que tem uma carga de leitura considerável, então eu ler um livro por mês é fácil, porque é algo que faz parte da minha vida e faz parte do que eu estudo e da minha profissão. Mas para as pessoas, às vezes, ler um livro por mês é muito, porque as pessoas não têm tempo, têm outras prioridades e tal. E isso não está errado, cada um tem suas prioridades na vida e beleza. E a partir do momento que a gente faz esses clubes, de certa forma, a gente incentiva essas pessoas a lerem mais. Por mais que, antes, elas eram leitoras ocasionais, acabam aumentando o seu nível e frequência de leitura. Às vezes, a pessoa lia quatro livros por ano, e isso não é uma média ruim considerando a média do Brasil, mas você vê que está incentivando de alguma forma.

Como vocês enxergam o papel da mulher no mercado editorial hoje? Qual a visão de vocês para o futuro desse cenário?

É muito curioso. Em boa parte das editoras, a equipe é feminina, é muita mulher trabalhando. Os cargos de chefia, a maioria são homens. Algumas mulheres conseguem chegar a editora, que é um cargo de importância. Só tradução que tem bastante homem fazendo, porque é considerada uma profissão nobre. Mas é curioso que você tem essa equipe totalmente feminina e, antes, o número de publicações de mulheres era muito menor. Então, o fato de ter esse movimento - desde a *hashtag* da Joanna Walsh quando se começou a discutir essa questão, e depois a gente veio também com o clube, outras

peças e outros movimentos que vieram no mesmo tempo e que foram crescendo - acho que aumentou o número de publicações de mulheres, o que é ótimo. Agora as mulheres estão começando a ganhar prêmios, apesar de alguns ainda esquecerem que existem mulheres (o prêmio Oceanos premiou mulheres, enquanto no prêmio São Paulo de Literatura, apenas uma mulher foi indicada). Ou seja, ainda existe muito machismo. Na crítica, principalmente. E aí, você vê esse tipo de discrepância. Eu acho que a tendência é melhorar, mas eu estou sendo muito otimista.

Como você acha que os movimentos sociais impactam a comunidade leitora e o mercado editorial? Você percebe uma relação?

Sim, porque, infelizmente, se a gente deixar para os órgãos públicos, não existe presença. Eu estudei em duas escolas estaduais, a biblioteca era fechada, você não podia entrar na biblioteca da escola, porque não tinha ninguém para cuidar da biblioteca. E ainda que seja um universo muito pequeno, a gente sabe de histórias de pessoas que para ter acesso a livros foi porque começaram a ir em sebos ou tinha algum familiar que tinha livros. Essa biblioteca do CCSP é fantástica, mas você não vê uma organização e divulgação efetiva. E eu acho que isso é uma coisa recorrente. Aí, você vai para o interior e você vê que os clubes são ainda mais cheios que os das cidades grandes, porque aqui em São Paulo a gente tem uma oferta muito grande de coisas para fazer, mas lá o clube é um acontecimento, porque eles não têm nada. Tem cidade que não tem nem biblioteca. Então, é bem complicado. Acho que essas organizações, não só o Leia Mulheres, tem vários outros tipos de organizações, elas fazem um vácuo que o governo deixou, infelizmente.

Vocês consideram o movimento feminista como potencializador do projeto ou da participação da mulher no mercado editorial?

No mercado editorial, eu não sei dizer, mas eu acho que não. Mas aqui no Leia Mulheres, sim. Eu digo por São Paulo, aqui é muito difícil vir homens. Eu acho que eles pensam que é um clube da Luluzinha. Mas tem cidades que não. Mas eu acho que é interessante. Porque aqui em São Paulo, a gente não discute teoria, e tem cidade que discute muita teoria feminista. Aqui, a gente decidiu por não escolher teoria, porque a gente decidiu mostrar variedade mesmo. Mas eu acho que impulsiona, sim. Eu, particularmente, não tenho uma bandeira específica (radical, interseccional, etc), eu sou feminista, mas a gente aceita todas. A ideia é exatamente tentar abranger o maior número de pessoas.

Quais os próximos passos para estimular a leitura de mais autoras mulheres (ou simplesmente, estimular a leitura)?

Eu fico muito impressionada. O estado de São Paulo é o que mais tem cidades participando, mas no Nordeste, acho que Pernambuco e Bahia tem muito clube lá nessas cidadezinhas menores. Então, eu fico muito feliz quando essas cidades menores entram em contato com a gente. É um sinal que a gente está chegando onde a gente não imaginou que ia chegar. A gente não imaginou que ia chegar em lugar nenhum, na verdade. Foi muito orgânico isso. E isso é muito sensacional. E outras organizações que vão começar a fazer isso, acho que elas têm que pensar no interior, pensar no Brasil profundo, porque, aqui em São Paulo, mal ou bem, a gente tem acesso a livro, mas em alguns lugares não tem. A gente quer muito, no ano que vem, ter algum tipo de verba para incentivar a participação de autoras nos eventos das cidades, porque é algo que chama as pessoas e amplifica a discussão. O plano ano que vem é conseguir estruturar o projeto de forma sustentável, assim a gente consegue ajudar as outras cidades. E a gente vai pensando estratégias para fazer com que isso aconteça.

Como você enxerga a participação do setor público nesse aspecto? E da sociedade? Quais medidas poderiam ser tomadas nos diferentes espaços sociais?

Aqui, a gente não tem do que reclamar, o espaço foi cedido para a gente. Algumas cidades também conseguiram fazer em lugares públicos ou com algum tipo de apoio para o espaço. Mas eu acho que poderia melhorar, sim. Tem vários lugares que poderiam ser mais abertos, ceder espaço e tal. Tem muita politicagem e as pessoas, às vezes, querem dinheiro

envolvido e a ideia do projeto não é essa. A ideia do projeto é que seja um evento gratuito, que seja aberto a todos, então eu acho que nisso pode melhorar. A gente tem que ficar mais em cima, até para não ter esse tipo de constrangimento para a mediadora.

E a sociedade, acho que no sentido de divulgação. Se você não pode participar ou não tem como doar livros, mas acha a iniciativa interessante, pelo menos divulga, que isso vai ser amplificado.

Como você acha que a questão do “lugar de fala” se relaciona com o contexto atual do mercado e com o projeto?

Eu acho que, hoje em dia, as pessoas ainda não pensam muito nisso, infelizmente. Como eu disse antes, acho que de 2015 para cá, o número de autora aumentou. Mas se você for comparar o número de autoras brancas com as negras, autoras indígenas (até hoje, a gente não achou uma autora indígena para o clube. É um absurdo!), autoras orientais e tudo o mais. Então, o número de mulheres publicadas aumentou. Isso é ótimo, excelente. Mas ainda não se pensou em etnias diferentes: é sempre a mulher norte-americana/europeia. Acho que isso acontece também com os homens: quantos homens africanos a gente lê? E boa parte deles são brancos. Então, o mercado se importa, mas não muito. É uma crítica que a gente tem que continuar fazendo.

Pensando nas narrativas, como você caracteriza a escrita feminina?

A gente é contra o termo literatura feminina, porque tem muito essa carga de preconceito. E é claro que muito do que as pessoas escrevem tem a ver com a vivência delas. Mas eu acho que a mulher pode abordar qualquer tema, assim como o homem também pode. Agora, se eu, mulher, falo “essa personagem feminina não está boa”, ele tem que acatar, e as pessoas não aceitam muito esse tipo de crítica.

Quem quiser escrever de uma forma mais universal, ela consegue. Porque os sentimentos mais gerais são de fato universais. Todo mundo passa por eles.

E eu tenho a visão de que eu, por exemplo, posso tentar escrever como uma mulher negra, posso. Eu, Juliana, loira, olhos claros, nunca sofri preconceito racial e tudo o mais, eu posso tentar escrever como uma mulher negra. Mas eu posso errar feio. Ou eu posso acertar também.

Escrever é se colocar no lugar do outro. É um exercício de empatia. Tem gente que sabe fazer bem, tem gente que não vai saber fazer nunca.

Eu acho perigoso colocar esse tipo de regra. Mulher pode escrever o que ela quiser.

A gente ficou muito acostumado, aqui no Brasil, ao homem, de classe média, branco de 40, na crise de meia idade, no meio de todas as crises, achando que isso é uma escrita universal. E não é. É só um cara de classe média sofrendo. Talvez, ele não esteja falando comigo, mas a gente tem a ideia de que aquilo é universal e se a gente não está se sentindo daquele jeito é porque a gente está errada.

Quais os próximos planos para o projeto?

Trazer mais autoras para os encontros. Aqui em São Paulo, temos mais facilidade para isso. Ajudar as cidades, porque o grupo cresceu demais e a gente precisa ajudá-las da melhor forma possível, até mesmo com livros. Porque tem cidade que tem dificuldade de conseguir os livros mesmo. E algumas editoras só querem doar livro para as cidades grandes. Ficar mais atenta nesse sentido. E a gente está tentando entender qual é o melhor modelo.

APÊNDICE 3 – Entrevista Michele Henriques

10/11/2018 – Entrevista presencial

Nome: Michele Bruna Aguiar Henriques

Idade: 31

Profissão: Assistente de marketing

Escolaridade: Graduação em Letras

Como surgiu a ideia do projeto?

A Juliana Gomes, no final de 2014, estava com a ideia de fazer algum projeto na livraria Blooks, porque ela prestava serviço para eles. Aí, ela pensou num clube de leitura, mas como? Na época, estava na moda a *#readwomen2014*. Então, ela pensou em transformar isso numa coisa palpável, um clube para ler mulheres. Aí, ela convidou a Juliana Leuenroth para fazer a mediação, porque a Juliana já tem um grupo de leituras que chama Leituras Compartilhadas, e a Ju me chamou. Na época, eu tinha um blog chamado Bastardas, que era um fórum online onde a gente discutia um livro por mês com viés feminista: Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Carmen da Silva. E foi assim, em março de 2015, a gente fez o primeiro encontro.

O projeto tem alguma ligação com a *hashtag* da Joanna Walsh?

A gente se inspirou nela, a gente mandou um email para ela na época, ela ficou super feliz, ela deu RT no twitter, essas coisas todas, mas a gente conversou com ela. A gente praticamente traduziu a *hashtag* e virou um projeto independente.

Quais as principais dificuldades de execução e implementação que encontraram?

A gente começou já tendo um lugar, começou na Blooks, depois tivemos que sair porque não tinha metrô próximo e as reuniões eram feitas de quarta à noite, o que acaba dificultando o acesso das pessoas ao clube. Depois fizemos na Tapera, na República. Então, como era do lado do metrô e nos sábados, começamos a ter mais público. Então, o Centro Cultural São Paulo entrou em contato com a gente para fazer aqui, o que foi ótimo no quesito de transporte e locomoção, grande circulação de público do CCSP, acesso livre para qualquer pessoa e a facilidade da biblioteca pública.

Qual é a principal forma de financiamento do projeto?

Não tem. A gente tem uma parceria com a Amazon de cupons de desconto. A gente não tem tempo de ficar divulgando. Então, é complicado. É só recurso nosso mesmo e parceria com as editoras com doação de livros.

Como aconteceu o processo de expansão do projeto para outras cidades?

A Blooks tem uma unidade no Rio de Janeiro, então convidamos umas amigas nossas para fazerem os encontros lá também. Aí, convidamos uma amiga nossa de Curitiba, que trabalha numa livraria independente, chamada Joaquim, e ela começou a fazer lá. Aí, uma menina de Brasília entrou em contato com a gente e começaram a fazer lá. E assim foi indo. De repente, meninas começaram a entrar em contato com a gente e agora é quase todo dia uma cidade nova.

Como é feita a escolha das obras? Existe uma preferência entre gêneros? Clássicos ou contemporâneos? Existe um esforço para diversificar a literatura analisada?

Não tem preferência, a gente lê tudo, basicamente. E a nossa escolha é sempre assim: a gente leu um livro de contos, agora a gente vai ler poesia, agora um romance. Leu uma americana clássica, vamos ler uma brasileira contemporânea. A gente vai mudando o

máximo possível. Só duas coisas que meio que viraram regra, é que em janeiro, a gente sempre lê um clássico e em outubro, a gente lê terror. A gente sempre escolhe com uns três meses de antecedência. A gente não quer escolher mais que isso porque chegam novidades no mercado.

Como acontecem os encontros?

Normalmente, a Juliana fala do Leia Mulheres, pois tem sempre gente nova, e eu gosto de falar um pouco da autora, curiosidades e tal porque tem às vezes alguma coisa da vida dela que a gente pega na obra. Então, a gente começa falando o que a gente achou do livro e as pessoas vão interagindo. Uma coisa que eu não quero nunca é academicismo, porque isso afasta e acaba intimidando as pessoas e o objetivo é todo mundo falar o que achou. É isso. A gente fica estimulando as pessoas falarem. É, basicamente, uma conversa de amigos, o mais espontâneo possível. Clube de leitura é troca de experiência.

Existe um banco de dados sobre os participantes?

Não. A gente tem um grupo no facebook para divulgação dos eventos e interação entre os participantes, mas dados, não.

Quantas pessoas frequentam em média cada reunião?

Umas 20.

Qual o discurso / a abordagem realizada para convidar mulheres (ou homens) a participarem do clube?

No começo isso era mais complicado, porque muita gente acha que clube de leitura é uma coisa de outro mundo e tal, acabam pensando que era uma coisa mais dura, engessada, e, não, cada um conta sua experiência de vida ali e é isso. O que eu tento fazer sempre é convidar as pessoas a participarem uma vez para elas verem como é, antes de ter qualquer preconceito, qualquer ideia do que é um clube de leitura. Vai e depois você fala o que você acha. Tem gente que veio a primeira vez e agora vem todo mês.

A gente tem o instagram, o twitter que não atualizo muito, confesso. E nem no facebook postamos muita coisa. Pensamos na seguinte forma de organização: cada cidade tem um grupo no facebook e uma página no instagram. A gente não pede página, a gente pede grupo para as pessoas poderem interagir entre elas. E cada cidade divulga o seu. Tem o aplicativo e o site que tem os eventos e as informações de todas as cidades.

Qual o viés deste discurso / dessa abordagem?

Sempre tem algum viés. Não tem como não ter. A gente tenta focar no livro, mas os assuntos acabam acontecendo. Você vai no encontro e percebe que a maioria é feminista, de esquerda, contra a xenofobia, racismo, homofobia, preconceitos e afins. É um encontro aberto para todos e a gente não é fechado, mas acho que acaba se filiando quem tem essa linha de pensamento.

A intenção de vocês é um projeto voltado para a comunidade leitora ou como programa de formação de leitores?

Acho que formação de leitor é uma coisa mais complicada. É um trabalho um pouco mais profundo do que o que a gente faz num clube de leitura. Então, a gente pega pessoas que já tem o costume de ler e traz para a discussão, porque normalmente a leitura é muito sozinha e não temos com quem discutir esses livros, comigo foi muito assim. E quando eu descobri os fotologs e fóruns de livros foi muito bom. Hoje em dia, tem um acesso maior por causa das redes sociais, skoob, goodreads, booktubers. Então, acho que o processo de formação de leitores é feito antes da gente e quando as pessoas chegam aqui, elas já têm o costume de ler, mas elas querem compartilhar essa experiência.

Como vocês enxergam o papel da mulher no mercado editorial hoje? Qual a visão de vocês para o futuro desse cenário?

Melhorou bastante. Eu sei que é por causa da moda, feminismo é moda, feminismo vende, ponto final. Isso a gente já entendeu. Mas isso não necessariamente é uma coisa ruim. As pessoas estão olhando para isso e, para mim, isso já é uma coisa positiva. E tem muito selo de mulher e muitas editoras que tem esse cuidado de lançar livros de mulheres. E eu comecei a ver, de 2015 para cá, muitas ilhas nas livrarias com livros só de mulheres. Outra coisa que é boa é que a internet permitiu a gente reclamar, o que possibilitou uma maior abertura para as mulheres no mercado. E a gente também reivindica muito a maior visibilidade do tradutor, principalmente se for uma mulher, a mediação de livro de uma mulher ser feita por mulheres. Então, eu vejo uma melhoria. O futuro ainda é difícil, mas acho que as mulheres estão conquistando espaço aos poucos.

Como você acha que os movimentos sociais impactam a comunidade leitora e o mercado editorial? Você percebe uma relação?

Sim, porque quando existe essa movimentação, você começa a exigir nas artes essa representatividade, na literatura, no cinema, então você vai atrás e começa a consumir mais dessas artes. Então, quando você vai tendo consciência do que está acontecendo ao seu redor, você quer ler mais sobre aquilo.

Vocês consideram o movimento feminista como potencializador do projeto ou da participação da mulher no mercado editorial?

Acho que entra nessa mesma questão que eu falei. Quando você está vivendo uma coisa, você quer buscar mais. Se você é feminista e quer ouvir o que uma mulher tem a dizer, você acaba indo atrás do que ela produz. Isso acaba resultando numa pressão de demanda para o mercado editorial que começa a trazer mais mulheres.

Quais os próximos passos para estimular a leitura de mais autoras mulheres (ou simplesmente, estimular a leitura)?

Acho que agora, mais do que nunca, a gente tem que ler e se informar. Acho que continuar o que a gente está fazendo, porque está dando certo. Às vezes, eu fico meio triste que não vem mais muitas pessoas, mas acho que ainda tem muito o estigma do clube de leitura. Ainda tem muito essa ideia de leitura ser uma coisa elitista, e não é. Eu adoro trabalho acadêmico e tal, mas acho que precisa fazer mais coisas no social, trazer as pessoas para sentar e ler juntas e quebrar esse estigma.

Como você enxerga a participação do setor público nesse aspecto? E da sociedade? Quais medidas poderiam ser tomadas nos diferentes espaços sociais?

É complicado. Como estimular as pessoas a lerem quando tem whatsapp, netflix, internet e não sei mais o que? Eu comecei a ler em casa, meu pais são leitores, mas eles nunca me forçaram. Foi mais de ver os livros em casa e me interessar. Acho que seria o ideal isso. Por outro lado, nós temos as bibliotecas públicas, tem muito evento de literatura nos Sesc's, nas periferias, o problema é como divulgar isso de uma forma a chamar mais pessoas para participar e ocupar esses lugares que já existem, o que eu também não faço ideia de como fazer. Eu acho que as pessoas nem sabem que tem todos esses lugares e centros culturais, iniciativas como as bibliotecas públicas ou o SPcine. Eu fico divulgando tudo o que eu vejo pela frente, mesmo que eu não vá, porque isso vai chegar em alguém que vai aproveitar e que não tinha essa informação antes.

Educação também é um ponto chave, porque as pessoas não são ensinadas e estimuladas a consumir cultura. A cultura não é vista como necessidade, então vai ficando de lado, eu acho. É triste. Eu ainda procuro os meios alternativos e espaços acessíveis, mas não é todo mundo que conhece e tem acesso a esses meios. A impressão que eu tenho é que ninguém vai lucrar com pessoas culturalmente estimuladas, então vai ficando para trás.

Como você acha que a questão do “lugar de fala” se relaciona com o contexto atual do mercado e com o projeto?

Bom, eu acho que ninguém melhor do que mulheres para entender mulheres, o que elas estão escrevendo e coisas do tipo. E na literatura tem muito homem falando de mulheres. Então, acho muito importante elas falarem de situações que mulheres vivem para mulheres lerem. É aquela questão de representatividade: a Conceição Evaristo, por exemplo, fala da realidade da mulher negra. Quem melhor que uma mulher negra para falar disso? Claro, literatura tem aquela coisa de criatividade e extrapolação dos nossos gênero e classe social e tudo, mas também é importante dar voz a essas vozes.

Pensando nas narrativas, como você caracteriza a escrita feminina?

Eu não gosto muito do termo literatura feminina, porque parece que coloca todas as mulheres na mesma caixinha e é uma coisa que a gente está tentando se livrar. E eu sempre gosto de dar o exemplo: o jeito que a Mary Shelley escrevia não era o mesmo jeito que a Jane Austen escrevia. Então, além dessa questão de entender melhor a cabeça da mulher, tem essa questão ter uma voz própria, falar de mulheres de forma universal, mas também com características próprias.

Quais os próximos planos para o projeto?

A gente quer fazer um crowdfunding para a gente juntar uma grana para pagar site, pagar marcador, etc. A gente quer também viajar para as outras cidades e falar do Leia Mulheres. E para tudo isso precisa de dinheiro e, no momento, não temos nada de renda. Ideias são muitas, mas acaba sendo muito difícil ter tempo de trabalhar, fazer faculdade e ainda cuidar e estruturar o projeto. Por enquanto, a gente vai mantendo: os encontros no CCSP estão dando certo, eu vou editando as resenhas do site, e assim vai indo. Mas os planos são megalomaniacos.